



EFEITOS DA PRIVAÇÃO EMOCIONAL NA CRIANÇA: Experimento x Teoria.

Isabelly Pereira CUSTÓDIO¹
Ana Cristina ALVES²

RESUMO

Esse artigo tem como finalidade investigar a privação emocional em crianças entre 7 e 18 meses e os danos que poderá causar no indivíduo, pois, a criança é dependente de adultos e desenvolve em conjunto afeto por quem a cria. Como pensam e sentem os pequenos cidadãos do mundo? Apresentaremos reflexões sobre fases do desenvolvimento humano e seus desdobramentos. Deste modo, a metodologia utilizada foi a pesquisa documental qualitativa e explicativa, com base bibliográfica, e filmico sobre um documentário internacional, de modo a adquirir as ferramentas conceituais e instrumentais próprias à linguagem audiovisual. Concluiu-se que há divergências quanto a vivência do desenvolvimento para cada realidade em que esse indivíduo está inserido socialmente e culturalmente. Pra fundamentar este trabalho teremos o respaldo e o embasamento latente da teoria psicanalítica Freudiana do desenvolvimento psicosexual; de Erik Erikson com desenvolvimento psicossocial; Bowlby, com a teoria do apego; Winnicott, com a teoria do desenvolvimento; além da Psicanalista Ana Suy com a teoria de amor e desejo, entre outros.

Palavras-chave: Afeto, Desenvolvimento, Desenvolvimento psicossocial, Vínculo.

ABSTRACT

This article aimed to investigate emotional deprivation in children aged between 7 to 18 months and the damage they may produce to the individual, since they are dependent on adults and develop together affection for those who look after them. How do the little citizens of the world think and feel? We will show reflections on the stages of human development and their improvements. However, the methodology used was qualitative and explicative documentary research, with a bibliographic and filmic basis on international documentary, in order to get the conceptual and instrumental tools specifically of the audiovisual language. It was concluded that there are some divergences regarding the experience of development for each reality in which this individual is socially and culturally inserted. To substantiate this work we will have the support and the latent basis of the Freudian psychoanalytic theory of psychosexual development; of Erik Erikson with psychosocial growth; Bowlby with attachment theory; Winnicott with developmental theory; and psychoanalyst Ana Suy with the theory of love and desire, among others.

Keywords: Affection, Bond, Development, Psychosexual Development.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. psicoisabellycustodio@gmail.com

² Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – da Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva. ana.cristina@professor.fait.edu.br



Introdução

A introdução, condução e estímulo da criança no caminho da aprendizagem, seja ela de natureza social ou escolar, são responsabilidades atribuídas à família. Por essa razão, a instituição familiar é valorizada em relação ao desenvolvimento socioafetivo e escolar das crianças, em comparação aos processos de ensino e aprendizagem (REGO, 2003).

O presente artigo visa esclarecer a importância do vínculo afetivo no desenvolvimento humano. Utilizaremos como exemplo o documentário: “*Effects of emotional deprivation and neglect on a baby*” (Efeitos da privação emocional e negligência em um bebê, em tradução livre) que retrata crianças em condições familiares favoráveis³ e institucionalizadas (MENTAL HEALTH TREATMENT, 1965).

Bowlby (1988), ressalta como e por que das crianças formarem vínculos com seus cuidadores, identificando as consequências da carência do contato maternal prévio para os processos de desenvolvimento. Ainda o autor destaca, a resiliência em eventos estressores que ocorrem na criança, influenciando no padrão de apego que os indivíduos desenvolvem durante o primeiro ano com o cuidador.

Jean Piaget (1999), traz a perspectiva do homem como sujeito da ação sobre o meio. Segundo o autor, a compreensão da realidade e o desenvolvimento do raciocínio lógico-formal se dá a partir de uma sucessão progressiva de estágios de maturação do indivíduo em relação com o ambiente, acontecendo a partir de um processo de troca. O desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo. Ao pensar no desenvolvimento cognitivo, remete-se paralelamente ao desenvolvimento afetivo, onde o afeto vai incluir sentimentos propícios a cada sujeito.

Considerando a importância da família como base de apoio social, afetivo, cognitivo e na formação do indivíduo, percebe-se que ela não é apenas um grupo formado por laços consanguíneos que precisa funcionar como uma espécie de

³ Adequação a criança cuja colocação está tratando, e isso inclui aspectos afetivos, disponibilidade e desejo de proteger, mais do que recursos materiais e financeiros.



contenção. Pelo contrário, a família deve oferecer limites, cuidado, confiança e desempenhar funções relacionadas a autoestima, apoio, proteção e servir como fonte de referência (STANHOPE, 1999).

Na infância, o cérebro da criança desenvolve mais rapidamente, sendo mais sensível a experiências externas, em específico ao apego.

Harlow⁴ (1958/1965), em seu experimento com macacos, privados da mãe biológica, identificou que filhotes privados demonstravam traços elevados de ansiedade, com uma excessiva redução do comportamento de exploração ambiental e interação social. Demonstrou a importância da mãe como objeto de apego, a partir do qual o filhote explora o ambiente.

Segundo a psicanalista Ana Suy (2022), a criança chega à vida tão frágil que depende que alguém a adote para sobreviver.

A vinculação entre a criança e a figura vinculada, exerce funções de porto seguro e base segura para obter apoio nos relacionamentos, sentir-se à vontade e desejar a proximidade com os outros. As crianças com um estilo de vinculação ambíguo demonstravam exploração mínima e pareciam exibir angústia mesmo antes da separação (AINSWORTH ET AL, 1978; FUENDELING, 1998).

A teoria Walloniana tem seus pilares na perspectiva genética e na análise comparativa. E na análise comparativa, ele preconizava que a criança é corpórea e concreta, e sua postura bem como seus gestos informam sobre o seu estado mais íntimo (GALVÃO, 1995).

Na infância, os desejos e impulsos governam a lógica da criança em vez da lógica da realidade. Uma das principais manifestações dessa perspectiva é o ato de brincar, que é uma atividade humana criativa que envolve a interação entre a imaginação, a fantasia e a realidade, resultando na criação de novas formas de construir relacionamentos sociais com outros indivíduos (VYGOTSKI, 1991; VYGOTSKI, 1997).

⁴ Psicólogo estadunidense mais conhecido por seus experimentos de separação maternal, dependências e isolamento social com macacos.



Material e Métodos

Instrumento

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e explicativa com o procedimento documental, desenvolvida através de um documentário internacional de experimento psicológico. A narração do mesmo, é uma mistura da teoria psicanalítica freudiana⁵ e outros anacronismos⁶. O estudo sobre o efeito da privação emocional no comportamento sensório-motor de bebês entre 7 e 18 meses, alguns dos quais advieram de famílias favoráveis e outros de ambientes institucionais. As condições experimentais simples permanecem as mesmas. Nele será apresentado o recurso a criança e registrada as reações a esse objeto de estímulo.

Resultados e Discussão

Os dados coletados foram examinados por meio da análise do conteúdo audiovisual do documentário (*Mental Health Treatment*, 1965), onde cientistas colocam em uma mesa blocos de brinquedo de tamanho pequeno para observar como as crianças reagem frente a eles. Uma a uma foram assistidas por esses examinadores.

Procedimento

⁵ Sigmund Freud (1856-1939), neurologista austríaco e criador da psicanálise, que explica a personalidade humana como uma série de estágios que se formam por meio de conflitos internos.

⁶ É qualquer parecer, leitura ou julgamento sobre um acontecimento ou elemento histórico de maneira a situá-lo numa temporalidade distinta da sua época original.



Primeiramente, inicia-se os detalhes com as crianças em ambientes favoráveis. Emmanuel, do sexo masculino, criado por sua família, demonstra ser ativo e explorador, ansioso para pegar o objeto novo que vê (blocos de brinquedo). Ele move o objeto entre as mãos e depois o coloca na boca. Ele está completamente absorvido pela atividade e poucas vezes volta a atenção aos examinadores ao redor. Christine, do sexo feminino, frequenta regularmente uma creche, não age muito diferente do Emmanuel. Ela segura os blocos com as duas mãos, tenta empilhar e pega quando caem, está totalmente absorvida pelos objetos.

Os exemplos acima demonstram duas crianças de famílias que oferecem total segurança. Por outro lado, quando a condição familiar não é favorável e é preciso retirar a criança do lar, o seu comportamento é afetado, como veremos abaixo.

Caroline, do sexo feminino, vítima da negligência materna, está abaixo do peso. Ela pega um dos blocos, mas demonstra pouco interesse em brincar. Ela olha constantemente para os examinadores da sala. Ela brinca um pouco, mas está mais preocupada com os que estão a sua volta.

No próximo caso, percebe-se uma maior atenção da criança para o ambiente e uma menor atenção aos blocos. Veronique, do sexo feminino, também está abaixo do peso, expressa uma recusa levantando as mãos em um gesto de evitar. Quando ela finalmente pega um bloco, surge um olhar de preocupação que demonstra ansiedade. O comportamento dela é passivo e não brinca.

Jean, sexo feminino, foi retirada de casa desde muito nova e institucionalizada após diversas tentativas falhas de adoção. Ela observa cuidadosamente o psicólogo e a curiosidade no novo objeto é mínima. Aceita sem nenhuma resistência o bloco colocado na sua mão, mas não demonstra interesse e continua a olhar o psicólogo.

Com René, sexo masculino, o caso é igual, senta imóvel em frente ao objeto e depois de um tempo, ele movimenta o bloco, mas é abordado pela ansiedade que de pouco em pouco se transforma em um total desinteresse nos blocos e nas pessoas ao redor. Volta-se para si e procura refúgio chupando o dedo.



O papel da família no desenvolvimento emocional e psicossocial da criança é essencial. Ao nascer, a criança necessita de alguém que ajude a construir uma formação saudável, como pessoas identificadas (pai, mãe, responsável legal), que possam oferecer muito mais do que cuidados básicos, mas também uma relação de carinho e afeto. É a partir desse contato que se inicia as relações emocionais e psicossociais do sujeito. Considerando a primeira infância uma fase delicada no processo de maturação do ser humano, é importante destacar as relações parentais e especialmente a relação com a mãe, com exemplo elevado para que todos os campos de maturação sejam elaborados e estruturados.

Para Gomide (2009, p. 73), ausência de afeto durante esse período pode resultar na perda de referências identitárias, levando a possíveis conflitos internos e externos, por exemplo, a negligência que pode impedir o desenvolvimento da autoestima, sendo o principal recurso contra comportamentos antissociais. Uma criança negligenciada pode se tornar insegura e sem brilho no olhar como de Venorique, já que não recebeu afeto que seria necessário para nutrir seu ser, tornando-se assim, vulnerável.

Segundo Winnicott (1975), toda as experiências que afetam a criança são absorvidas onde demandam aquisição de confiança no mundo, ou ao contrário, a falta dela.

Brincar, segundo o dicionário Aurélio (2003), é “divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar”, também pode ser “entreter-se com jogos infantis”, ou seja, brincar é algo muito presente na vida (FERREIRA, 2003).

Brincar não se resume apenas a uma atividade recreativa, mas é um processo complexo no qual a criança se comunica consigo mesmo e com o mundo. É uma forma de troca mútua que ocorre ao longo da vida da criança e é fundamental para o seu desenvolvimento (OLIVEIRA, 2000).

Segundo Vygotsky (1987), a atividade de brincar é uma prática exclusiva da infância, em que a criança utiliza símbolos para recriar a realidade. É uma prática social e cultural, que envolve imaginação, fantasia e realidade em conjunto para criar formas de interpretação, expressão e ação para as crianças. Como tal, o papel dos educadores em reconhecer a importância do brincar na formação do conhecimento é



fundamental para promover uma aprendizagem significativa. A natureza ilusória do brinquedo é transferida para a vida.

Winnicott (1975), expõem em sua teoria que é no brincar que o indivíduo flui sua liberdade criativa, física e mental e a somação dessas experiências acaba formando a base do sentimento do eu (*self*⁷). Sendo assim, a brincadeira não é algo inato na vida do ser humano, ou seja, aprende-se a brincar nas relações que o sujeito estabelece com o meio e com a cultura.

Por meio dos estudos psicanalíticos do desenvolvimento psicosssexuais de Freud, entenderemos o porquê dos bebês levarem os blocos diretamente a boca como descobrimento do objeto. Elas estão localizadas na fase oral, sendo de 0 a 1 ano, onde a primeira fonte de prazer é a boca. É através da boca que todas as suas demandas essenciais são satisfeitas, motivo pela qual dispõe de uma vontade de sugar e colocar objetos, mesmo quando não há necessidade de comer, desprendida da atividade da alimentação, como por exemplo René, que trocou o objeto externo por um do próprio corpo utilizando o dedo da mão (FREUD, 1901-1905), recorrendo a ele para se acalmar.

Já Roudinesco e Plon (1998) ressalta que, a sucção produz satisfação aliviando as sensações do organismo.

Diante dos casos alhures, percebe-se que as crianças institucionalizadas não demonstraram interesse na atividade e trazem demandas emocionais, além das físicas desenvolvidas por somatização dos sentimentos que ainda não são entendidos.

Para, Aragão (2004):

“Quando existe um bebê sadio e uma mulher consciente do seu desejo de ser mãe, a experiência de interação resultará quase sempre, numa representação harmoniosa da interação. Mas a relação pode ser tensa, conflituosa então o corpo do bebê expressará sua inconformidade através de somatizações” (ARAGÃO, 2004, p. 214).

Bowlby (2006) descreve em sua obra uma relação semelhante, onde:

“Há um atraso nas atividades e a criança frequentemente fica sentada ou deitado inerte, em profundo estupor. A falta de sono é bastante comum e

⁷ *Self* - Descrito como instância psíquica fundamental que contém os elementos que compõem a personalidade, mas não contém o núcleo da existência genuína do indivíduo. Assim, o protagonista da existência é o "ser interior", e o *self* atua como coadjuvante principal na formação da personalidade.



todas têm falta de apetite. A criança perde peso e contrai infecções facilmente. Há uma queda acentuada em seu desenvolvimento geral” (BOWLBY, 2006, p. 17).

O desenvolvimento psicossocial envolve áreas abstratas como emoções, relações sociais e a personalidade (PAPALIA E FELDMAN, 2013).

Os conceitos que permeiam uma relação são criados subjetivamente a partir do apego aprendido. O significado de ser aceito, compreendido e até mesmo amado, está dentro dos construtos pessoais (BOWLBY, 1989).

Segundo Erikson (1976), no decorrer do desenvolvimento o sujeito terá experiências durante cada fase, onde essas determinarão se as emoções serão favoráveis ou não, resultando em fatores importantes em sua vida, como a motivação, confiança, autonomia e iniciativa. Em sua teoria “Oito idades do homem”, utilizar-se-á uma delas para o desenvolvimento do trabalho. A confiança básica versus desconfiança básica, representando o 1º ano de vida. A aquisição é a afirmação da esperança de ser e há satisfações e necessidades de calor e aconchego, onde a criança experimenta a realidade da vida em seus primeiros contatos com o mundo externo. A convivência com a mãe interpreta o contato com o mundo externo. A confiança básica auxilia a criança a construir com qualidade sua personalidade e a desenvolver expectativas favoráveis à novas experiências de vida.

No caso de o indivíduo ter contado com cuidadores presentes e receptivos, ele tende a buscar ao decorrer de sua vida este mesmo padrão em relacionamentos. Da mesma forma, alguém com experiências negativas e apego inseguro na infância tende a procurar por este padrão já conhecido, evidenciando a tendência de os modelos internos de funcionamento permanecerem estáveis (ABREU, 2013).

O livro “Sobrevivência Emocional” de Cukier (2015), traz a questão das necessidades básicas, aquelas das quais depende a sobrevivência física e psicológica da criança afirmando que:

[...] A necessidade emocional básica do ser humano e sem a qual ele não sobrevive psicologicamente é a necessidade de dependência, de poder contar com o outro. O ser humano nasce completamente despreparado e só será autônomo, com recursos internos com os quais poderá contar, depois de muitos anos (na classe média de nossa cultura urbana, só após a adolescência). Aqui, o que importa não é ter as necessidades físicas atendidas, mas como isto é feito (CUKIER, 2015, p. 25).



Percebe-se que o sujeito em processo de formação necessita do apoio familiar para que sua aprendizagem possa ser acomodada em informações que levem ao entendimento (PORTO, 2011).

Segundo Saltini (2002, p. 87), para despertar o interesse pela vida e pelo aprendizado, a criança anseia por ser amada, aceita, acolhida e ouvida.

Totalmente dependente dos adultos, a criança desenvolve em conjunto sentimentos de afeto por quem a cuida. Uma criança que sofreu privação emocional tende a priorizar o contato social, sendo motivado pelo intenso desejo da mesma, de encontrar um substituto maternal.

Segundo Spitz (1993), a ausência da mãe equivale à carência emocional. O autor ainda afirma que essa carência leva a deterioração progressiva que se manifesta por interrupção de desenvolvimento psicológico, resultando em disfunções psicológicas paralelas e mudanças somáticas como observamos em algumas das crianças o baixo peso.

Diante disso, Storr (2013) apresenta:

O bebê e para a criança pequena, o apego aos pais ou aos pais substitutos é fundamental à sobrevivência, e esse apego deve ser seguro para que a criança se transforme no adulto capaz de criar relacionamentos íntimos e em igualdade de condições com outros adultos (STORR, 2013, p.26).

O ser humano que nasce aos poucos e nem sempre totalmente, depende da sua força de vontade e da família, onde há pais que saibam administrar suas necessidades básicas (CUKIER, 2015, p. 25).

Segundo Bowlby (2006, p. 33), em seus experimentos, desde a infância a vida adulta, pacientes adultos traziam problemas psicológicos onde a causa era relacionada a privação afetiva na infância.

A interação da criança com o adulto é uma das principais formas de desenvolvimento da cognição, contribuindo para que a criança desenvolva a percepção e controle de seus comportamentos, permitindo adquirir novos conhecimentos. Diante disso, pais ou substitutos desempenham papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, fazendo a conexão e possibilitando a sua socialização.



Conforme Harlow⁸ (1958) os vínculos sociais têm importância na formação da personalidade e na saúde psicológica na vida adulta.

Conclusão

Diante do exposto, é possível observar que uma criança que sofreu privação emocional tende a priorizar o contato social.

A teoria discutida argumenta que um vínculo emocional e físico de um cuidador primário nos primeiros anos de vida é crítico para o desenvolvimento, pois, se uma relação é favorável demonstra segurança para explorar o mundo externo, sabendo assim que sempre terá ali um lugar seguro onde se pode voltar a qualquer momento.

Entretanto, se o vínculo é fragilizado ou nulo, sentimentos de inseguranças e medo se desenvolverão e o mundo se parecerá assustador para criança ao descobrir, pois, não há certeza de uma segurança.

Pessoas que são seguramente amparadas, apresentam maior confiança demonstrando uma melhor conexão com os outros e como resultado, melhor desenvolvimento social.

Já pessoas inseguras tendem a desconfiar dos outros, sendo perceptível nos casos das crianças institucionalizadas, o medo, insegurança e uma necessidade de sustentar o olhar, procurando contato social o tempo todo.

Portando, evidencia-se que, há divergências nas vivências do desenvolvimento para cada realidade em que esse indivíduo está inserido socialmente e culturalmente.

O presente estudo foi realizado com o propósito de agregar na formação e não tem o intuito de esgotar os conhecimentos sobre o tema abordado: – “Efeitos da privação emocional na criança: Experimento versus teoria”.

Compreende-se que há uma necessidade de novas pesquisas sobre a temática, a fim de agregar conhecimentos mais aprofundados na área, devido à atualidade e importância do tema, considerando a sua relevância para a sociedade.

⁸ Psicólogo americano, estudou e obteve seu doutorado na Universidade de Stanford e desenvolveu suas pesquisas em primatas não-humanos na Universidade de Wisconsin, a partir das quais ganhou notável reconhecimento científico nos anos 1960.



Referência

ABREU, C. N. **Teoria do apego: fundamentos, pesquisas e implicações clínicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013.

AINSWORTH, M. D. S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. **Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation**. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1978.

ARAGÃO, R. (org). **O bebê, o corpo e a linguagem**. Casa do psicólogo – São Paulo, 2004.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. Trad. Vera lúcia baptista de Souza irene rizzini. São Paulo, 2006.

BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CUKIER, R. **Sobrevivência emocional: As dores da infância revividas no drama adulto**. 6ª ed. – São Paulo: Editora Ágora, 2015.

DAMAZIO, R, L. **O que é criança**. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ERIKSON, E, H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Escolar Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentaria de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. 1º ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FUENDELING, J.M. **Affect regulation as a stylistic process within adult attachment**. Journal of Social and Personal Relationships, 1998.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMIDE, P. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

HARLOW, H. F. **The nature of love**. American psychologist, 1958.

HARLOW, H. F., & HARLOW, M. K. **The affectional systems**. Behavior of nonhuman primates, 1965.



MENTAL HEALTH TREATMENT. **Effects of emotional deprivation and neglect on a baby.** Child Psychology, Psychiatry, Pediatric Illness, 1965. Youtube.

[Acessado 13 fev 2023] Disponível:

<https://www.youtube.com/watch?v=ChoOExRLT4Q&t=1s>

MIZRAHI, B. GARCIA, C. **A capacidade de estar só: um contraponto winnicottiano ao ideal contemporâneo de autonomia absoluta.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 267-280, dez. 2007.

OLIVEIRA, V. (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PAPALIA, D. E. e FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre, Artmed, 12^a ed, 2013.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** Ed. 24 - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PORTO, O. **Psicopedagogia Institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico.** Rio de Janeiro: WAK, 2011.

REGO, T. C. **Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ROUDINESCO, E. PLON, M. **Dicionário de psicanálise.** Ed. Zahar- Rio de Janeiro, 1998.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência: a emoção na educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

STANHOPE, M. **Teorias e desenvolvimento familiar.** Lisboa: Lusociência, 1999.

STORR, A. **Solidão: a conexão com o eu.** 1^a ed. – São Paulo: Editora Benvirá, 2013.

SUY, A. **A gente mira no amor e acerta na solidão.** Planeta do Brasil, Editora Paidós – São Paulo, 2022.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** Livraria Martins Fontes, Editora Ltda. Ed° 4. São Paulo – SP, 1991.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Ed. Imago Ltda – Rio de Janeiro, 1975.